



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DOCENTE

**JOANA PAULA DOS SANTOS
RONNISE TORRES PEREIRA**

**ADOLESCÊNCIA, SEXUALIDADE E GRAVIDEZ: UMA AÇÃO PEDAGÓGICA NA
ESCOLA.**

DOM ELISEU- PA.
2014



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DA AMAZÔNIA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DOCENTE

JOANA PAULA DOS SANTOS
RONNISE TORRES PEREIRA

ADOLESCÊNCIA, SEXUALIDADE E GRAVIDEZ: UMA AÇÃO PEDAGÓGICA NA ESCOLA.

Trabalho apresentado ao Curso de Ciências Naturais da Universidade Rural da Amazônia, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado Pleno em Ciências Naturais, sob a orientação da professora Ma. Clauze Lee Alves Ferreira.

DOM ELISEU- PA
2014

JOANA PAULA DOS SANTOS
RONNISE TORRES PEREIRA

ADOLESCÊNCIA, SEXUALIDADE E GRAVIDEZ: UMA AÇÃO PEDAGÓGICA NA ESCOLA.

Trabalho apresentado ao Curso de Ciências Naturais da Universidade Rural da Amazônia, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado Pleno em Ciências Naturais.

DATA DA APROVAÇÃO:

Prof^a. Ma. Lauze Lee Alves Ferreira(Orientadora)
(Universidade Federal Rural da Amazônia)

Prof^o. Me. Éder Silva de Oliveira (Membro 1)
(Universidade Federal do Estado Pará)

Prof^o. Me. Antônio dos Santos Silva(Membro 2)
(Universidade Federal do Estado do Pará)

DOM ELISEU- PA.
2014

DEDICATÓRIA

Ao meu pai José Raimundo dos Santos, pelo carinho e amor. Abraço de pai da força para seguir em frente na vida, aconselha, ensina tudo que sabe e acha que foi pouco. Homem forte, mas se desmancha com o sorriso do filho. Amigo e confiante quando percebe ter algo de errado. Companheiro de luta quando tudo parece não ter saída.

Joana Paula dos Santos

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Maria Rita Torres Pereira de Sousa que sempre se dedicou com carinho e atenção me ensinando a retidão do caminho, com paciência e amor. E que desde o início da jornada batalhou muito para me propiciar boa educação e estudo.

Ronnise Torres Pereira de Sousa

AGRADECIMENTO

Agradeço em primeiro lugar a Deus que iluminou o meu caminho durante esta Caminhada;

Ao meu esposo, Alex Gomes de Oliveira, que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades;

Aos meus filhos, João Pedro e Elisa Vitória, que embora não tivessem conhecimento disto, mas iluminaram de maneira especial os meus pensamentos me levando a buscar mais conhecimentos.

A todos os meus irmãos, mas de uma maneira especial, Maria e Ana;

Aos meus pais, José Raimundo e Terezinha, a quem eu rogo todas as noites a minha existência.

Joana Paula dos Santos

AGRADECIMENTO

A Deus, por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades;

Aos meus familiares, meu esposo, Francisco de Sousa;

Aos meus filhos, Débora Aparecida, Denis Maxwell e ao meu anjinho, Witor Josué pelo amor, incentivo e apoio incondicional;

A minha orientadora Lause Lee, pelas correções e incentivos;

A todos que direto ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado!

Ronnise Torres Pereira de Sousa

RESUMO

Este trabalho analisa a vivência da sexualidade e suas implicações, sobretudo, a gravidez na adolescência. Trata-se de um estudo de caso, de caráter exploratório, realizado na Escola João Almeida e Silva, da Rede municipal de Dom Eliseu – Pa. Buscou-se interrogar os sujeitos da pesquisa acerca de como questões ligadas a sexualidade e a gravidez na adolescência são tratadas no espaço escolar. O nosso referencial teórico-metodológico teve como base a análise da gravidez na adolescência como um dos reflexos da questão social diante das transformações societárias vigentes. Conclui-se com este trabalho, que a problemática da gravidez na adolescência está associada ao convívio familiar, à negligência em relação ao uso de preservativos e métodos anticoncepcionais pelos adolescentes, e que a educação sexual constitui fator determinante na prevenção destes casos, contribuindo para o desenvolvimento de competências e adaptações de comportamentos socialmente saudáveis, responsáveis e gratificantes.

Palavras- chave: Adolescência, sexualidade, gravidez, educação.

ABSTRACT

This Conclusion Work Cursoanalisa the experience of sexuality and its implications, especially teenage pregnancy. This is a case study, exploratory study conducted at João Almeida Silva School, the Municipal Network Dom Eliseu - Pa. We attempted to interview the subjects about how issues related to sexuality and teenage pregnancy are treated at school. Our theoretical and methodological framework was based on the analysis of teenage pregnancy as a social issue reflections on the prevailing societal transformations. It follows from this work that the problem of teenage pregnancy is associated with family life, to the neglect of the use of condoms and contraceptives by adolescents, and that sex education is a determining factor in the prevention of these cases, contributing to the development of skills and adaptations of socially healthy, responsible and rewarding behaviors.

Keywords: Adolescence, sexuality, pregnancy, education.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 - INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 - OBJETIVOS | 15 |
| 2.1 - Objetivo geral | 15 |
| 2.2 - Objetivos específicos | 15 |
| 3 - REFERENCIAL TEÓRICO | 16 |
| 3.1 - Adolescência e sexualidade..... | 16 |
| 3.1.1 - Adolescência no contexto atual..... | 16 |
| 3.1.2 - Ampliando o conceito de sexualidade..... | 19 |
| 3.2 - Sexualidade e o processo educacional..... | 21 |
| 3.2.1 - A Escola na orientação sexual dos alunos..... | 21 |
| 3.2.2 - A Escola e a gravidez na adolescência..... | 26 |
| 4 - METODOLOGIA | 31 |
| 4.1 - Responsabilidade de discutir a sexualidade na adolescência..... | 31 |
| 4.2 - Trabalho da escola frente à sexualidade na adolescência e suas implicações..... | 32 |
| 4.3 - Prevenção e sexualidade na adolescência | 33 |
| 4.4 - Facilidades e dificuldades para a escola lidar com a gravidez na adolescência.... | 33 |
| 4.5 - Reflexos da gravidez inesperada na vida da adolescente | 34 |
| 4.6 - Conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis..... | 34 |
| 4.7 - Liberdade para falar sobre sexualidade e métodos preventivos com os pais..... | 35 |
| 4.8 - Acompanhamento escolar diante dos casos de evasão decorrentes da gravidez..... | 35 |
| 5 – RESULTADOS E DISCUSSÃO | 37 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 38 |
| REFERÊNCIAS | 39 |
| APÊNDICE | 41 |

1 - INTRODUÇÃO

A sexualidade, segundo Suplicy (2005, p.21) é um tema frequentemente discutido por alunos e professores nas escolas, se não formalmente, em programas de educação sexual ou em aulas de Ciências ou Biologia, informalmente, nas conversas e relacionamentos entre estudantes no cotidiano da escola e nas relações pedagógicas dos docentes.

Assim, o interesse sobre sexualidade no contexto escolar reforça a característica multidimensional do processo ensino-aprendizagem, mostrando que o desenvolvimento cognitivo do indivíduo é estreitamente relacionado e, portanto, influenciado por seu desenvolvimento pessoal e social, no qual a sexualidade e afetividade têm papéis fundamentais (BRASIL,2001, p. 303).

O educador, incluindo aqui os profissionais da educação e a família, através do seu relacionamento pessoal e profissional com o aprendiz, proporciona a este, estímulos que contribuem para a reorganização do sistema nervoso em desenvolvimento do adolescente. É esta reorganização que produz e caracteriza a aquisição de novos comportamentos pelo indivíduo, possibilitando-o desenvolver estratégias para seu viver em sociedade, em bem-estar biopsicossocial, objetivo final da educação(CALLIGARES, 2009, p. 42).

Para Gandra (2000,p.24), educadores e família, no entanto, nem sempre reconhecem a importância da contribuição dos diversos fatores que influenciam o processo de ensino-aprendizagem e que podem, portanto, facilitar ou comprometer o desenvolvimento neuropsíquico do indivíduo. A identificação das demandas dos profissionais da educação e das famílias para a orientação adequada do desenvolvimento do adolescente pode contribuir para a melhoria desse processo.

O trabalho em Educação Sexual na Escola é uma oportunidade de expor os educadores a um tema intimamente relacionado e influente do cotidiano escolar e, portanto, da formação do indivíduo. A intenção dessa pesquisa é propiciar aos educadores um espaço para a reflexão sobre a sexualidade de seus alunos. Essa reflexão pretende possibilitar o início de uma proposta de trabalho, seja ela coletiva,

com o envolvimento de toda comunidade escolar, ou individual, caracterizada por trabalho desenvolvido pelo professor, dentro de suas possibilidades de atuação dentro e fora da sala de aula com seus alunos. A relação professor/aluno é palco privilegiado das intervenções positivas para uma educação mais condizente com as demandas do nosso tempo.

A sexualidade é uma das dimensões fundamentais da condição humana, que se desenvolve e se apresenta sempre influenciada por sentimentos e valores. É um fenômeno multidimensional, não apenas psíquico, mas também biológico e sociocultural. Inerente à vida humana, a sexualidade se manifesta desde o nascimento e se constrói ao longo de toda existência, nas relações interpessoais, no momento sociocultural que estamos vivendo. Isso implica em afirmar que a nossa sexualidade é construída socialmente, dando importância à educação voltada para os adolescentes que inclua os educadores e, na medida do possível, os pais, com suas questões pessoais a respeito da sexualidade (NASIO, 2011, p.17).

Assim sendo, a escolha desta temática é resultado das vivências em sala de aula, pois, enquanto educadores que somos, nos deparamos diariamente com jovens cheios de dúvidas e anseios a respeito da sexualidade, sobretudo, com adolescentes que engravidam precocemente. Como sabemos, a sexualidade torna-se um problema quando não é abordada de forma adequada. Causando assim, graves consequências para os adolescentes (SILVA, 2011, p.23).

Como a sexualidade é uma tarefa complexa, este trabalho tem a intenção de sensibilizar os educadores para esse desafio. O reconhecimento dos seus limites e a ampliação das reflexões que os ajudem a tomar suas decisões de direção. Isso porque existe uma demanda real, que demonstra a dificuldade que tem o educador, em sua maioria, de abordar questões sobre sexualidade. Dificuldade esta que podemos considerar natural, uma vez que mobiliza as mais variadas questões advindas da cultura, ciência, religião, e muitas vezes da falta de informação (CALLIGARES, 2009, p.36).

Em uma sociedade como a nossa, a adolescência é um momento intensivo por ser o tempo das responsabilidades e necessidades de se preparar e fazer escolhas para a vida futura. Constitui-se como o tempo das rebeldias e das experimentações, da crítica do existente, do sonho e da preparação, da imagem e garantia da liberdade, da livre escolha e do acesso às diversidades (FANELLI, 2003, p.42).

A recomendação é que a escola trabalhe com questionamentos e ampliação do leque de conhecimentos dos alunos, para que eles tracem seus caminhos de forma consciente. Significa que o professor precisa ficar atento para não entrar na vida pessoal, na intimidade de cada um(OLIVEIRA, 2004, p.33).

A escola é, junto com a família, a instituição social que maiores repercussões tem... Também nos fins explícitos que persegue expressos no currículo acadêmico, como em outros não planejados o que se costuma chamar de currículo oculto a escola será determinada para o desenvolvimento cognitivo da vida. (MORENO s/d, apud. OLIVEIRA, 2004, p. 33).

Dessa forma, a escola é um prolongamento da família, ela vem dar continuidade à educação dos adolescentes, ambas se completam quando interagem, portanto, seio de máxima importância na formação dos adolescentes integrando-os na sociedade de maneira que possam exercer sua cidadania.

Por estarmos inseridos no contexto educacional, onde estamos ligados diretamente à adolescência, sentimo-nos na obrigação de contribuir direta/indiretamente para amenizar os problemas surgidos frequentemente no âmbito escolar, e um deles é a gravidez precoce e indesejada, que atinge uma parcela significativa das alunas adolescentes, ocasionando com isso, um alto índice de evasão e repetência escolar entre as mesmas(FAVERO, 2007, p.23).

A inclusão da Educação Sexual na esfera escolar, contudo, ainda é uma questão polêmica, pois muitos pais e educadores consideram que o tema aguça nos adolescentes comportamentos desfavoráveis para sua formação. Porém, estudos realizados por especialistas mostram que programas pedagógicos que abordam o tema, as atitudes dos adolescentes se tornam mais conscientes(VALLADARES,2002,p 18).

Hoje, a escola, a sociedade e a família preferem que seus adolescentes estejam informados dessas mudanças, haja vista, a preocupação com as questões ligadas a gravidez precoce ou indesejada, AIDS e doenças sexualmente transmissíveis, entretanto, podemos destacar pontos positivos e negativos com relação à forma de ver e tratar essa questão. Os adolescentes mostram-se mais seguros e preparados para essas mudanças que vivenciam ao longo da adolescência, mas apesar das informações a que têm acesso sobre o assunto,

umagrande parte deles expõem-se à situações de risco por acharem que sabem de tudo sobre sexo(SAYÃO,1997, p.98).

Em tempos de AIDS e do crescimento da gravidez precoce, levada ou não a tempo, em tempos em que os jovens iniciam muito cedo a prática sexual, pais e educadores preocupam-se em municiar os adolescentes, o mais cedo possível, do maior número de informações que, eles imaginam e julgam, devam ser devidamente utilizadas por eles pela vida afora. (SAYÃO, 1997, p.99).

Vale ressaltar que, segundo Faveiro (2007,p.19), nenhuma proposta no âmbito escolar poderá ser bem sucedida sem o apoio e a participação da família, principalmente em se tratando de questões delicadas e polêmicas como é o caso de gravidez em adolescentes. Assim sendo, a família educa e a escola orienta. É nesse contexto que os adolescentes aprendem os valores, sentimentos, a construir a sua própria identidade enquanto sujeito singular e social. E nesse caso, família e escola são grandes aliados, pois ambas estão interessadas na educação integral dos adolescentes.

Portanto, a temática faz uma reflexão sobre a sexualidade e a adolescência, ressaltando a importância da família e da escola no que diz respeito a orientação dos adolescentes quanto a sua sexualidade e, sobretudo, das dificuldades enfrentadas por muitos pais e educadores em abordar temas relacionados à sexualidade e os contornos que esta assumiu no decorrer dos tempos.

Diante da visão aqui exposta, o nosso objetivo maior foi o de sensibilizar, abrindo espaço para se falar dessas questões cotidianas do mundo escolar, visando uma melhor compreensão da realidade vivenciada, possibilitando assim, intervenções que possam ajudar educadores e educandos na resolução de problemas decorrentes da falta de orientação sexual adequada.

Em se tratando dos aspectos organizacionais deste trabalho, vale esclarecer que está dividido em quatro partes, da seguinte forma: Na primeira, apresenta-se o tema em estudo, mostrando a importância que este assunto vem ganhando no decorrer do tempo. Na segunda, faz uma abordagem sobre a adolescência e a sexualidade, bem como da importância da família no processo de orientação sexual dos adolescentes. Na terceira, possibilita à reflexão sobre a sexualidade e a escola, além de discutir a problemática da gravidez na adolescência, foco principal desta pesquisa. Na quarta parte, traz a análise dos dados da realidade do universo pesquisado, a saber, turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Municipal de Ensino Fundamental João Almeida Silva, município de Dom Eliseu-PA.

Isso porque, nesta modalidade de ensino encontra-se grande contingente de adolescentes, e muitas engravidam precocemente.

2- OBJETIVOS

2.1-OBJETIVO GERAL:

Promover uma discussão a respeito do tema sexualidade relacionada à gravidez na adolescência, no que concerne às implicações no processo de ensino-aprendizagem.

2.2-OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Identificar os fatores que podem ser apontados como possíveis determinantes e condicionantes da gravidez na adolescência;
- Identificar os significados de uma gravidez precoce para as adolescentes e sua família;
- Identificar qual a relação entre gravidez e a perspectiva de vida das adolescentes;
- Criar mecanismos para incorporação de metodologias participativas que possibilitem a construção do ensino aprendizagem mais compreensivo, para relações interpessoais mais igualitárias e harmoniosas, educando frente às questões da vida e para a vida;
- Contribuir na formação de pessoas mais autônomas e solidárias, capazes de transformar sua vida pessoal e coletiva.

3 - REFERENCIAL TEÓRICO

3.1- ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE

Estudos revelam que a adolescência é uma etapa da vida na qual a personalidade está em fase final de estruturação e a sexualidade se insere nesse processo, sobretudo, como um elemento estruturador da identidade do adolescente. Daí a necessidade de buscarmos conhecer melhor os mitos, tabus e a realidade da sexualidade para que possamos abordá-la de forma mais tranquila com os adolescentes, de manter um diálogo franco e entender as manifestações dessa sexualidade aflorada e própria da idade(NASIO, 2011, p. 14).

3.1.1 - Adolescência no Contexto Atual

Segundo Zagury (1997,p.36), adolescência é um termo um fenômeno cultural, sociopolítico, histórico, que ocorre entre os 10 e os 20 anos de idade, época em que acontecem intensas transformações no corpo, na mente e nas relações com os amigos e familiares. Diante de tantas mudanças, a adolescência é um período da vida que merece atenção especial, pois esta transição entre a infância e a vida adulta pode resultar ou não em problemas futuros para o desenvolvimento do indivíduo.

A adolescência pode ser definida como o término da idade infantil e o início da adulta. Biologicamente falando, corresponde à puberdade, onde acontecem as mudanças no corpo do jovem. Os hormônios entram em ação, trazendo uma modificação no corpo, os órgãos genitais se desenvolvem. No entender de Nasio (2011, p.35):

É a idade que se produzem as primeiras ereções seguidas por ejaculação, durante uma masturbação, as poluções noturnas, a mudança da voz e o aumento da massa e da tonicidade musculares, tudo isso constituindo germens de uma virilidade nascente. Na menina desencadeiam-se as primeiras regras e as primeiras sensações ovarianas os seios ganham volumes, a bacia se alarga conferindo à silhueta um aspecto tipicamente feminino e, sobretudo despertando nela essa tensão indefinível que emana do corpo de toda mulher e que denominamos charme.

Porém, as mudanças não acontecem somente no corpo, essas ocorrem também tanto em suas emoções quanto no comportamento. O psicanalista citado acima descreve o jovem como:

É um ser conturbado que, sucessivamente, corre alegre à frente da vida e para de repente, arrasado, desesperançado, para deslanchar novamente, arrebatado pelo fogo da ação. Tudo nele é contraste e contradição. Ele pode ser tanto agitado quanto indolente, eufórico e taciturno, revoltado e conformista, intransigente e esclarecido; num certo momento, entusiasta e, bruscamente, apático e deprimido(NASIO, 2011, p.22).

O adolescente em seu processo de mudança enfrenta um turbilhão de sentimentos, de forma intensa e muito incongruente. Tudo isso causa um sofrimento psíquico a ponto de o mesmo sem entender o que lhe acontece sente-se impotente diante das circunstâncias ocorridas em seu desenvolvimento. Envolto em meio a essas disparidades emocional ao qual o jovem atravessa, ele expressa em seu comportamento toda a energia depreendida dessa ebulição.

Essa guerra intestina entre um corpo tomado pelas pulsões de uma cabeça assaltada por uma moral exacerbada transforma o adolescente em uma criatura intimamente desarticulada, desunida, experimentando sentimentos contraditórios a respeito de si mesmo e daqueles dos quais dependem efetivamente, em primeiro lugar os pais(NASIO ,2011, p.36).

O fenômeno da adolescência torna-se algo frágil e novo para o jovem, e em consequência do medo das novas emoções ao qual o sujeito se ver envolto que se utiliza como método de defesa esse comportamento. No estado triste, o adolescente torna-se vítima de um sentimento de desvalorização em demasia. Este estado difere do anterior, pois a mesma assume uma característica melancólica, sem ânimo para descarregar a energia gerada no processo decorrente(ZAGURY, 1997, p. 125).

Segundo Takiuti (1996,p.57), no mundo inteiro, as mudanças corporais nesta fase são muito parecidas, apesar da influência de alguns fatores físicos e culturais. Mudanças relacionadas com a produção hormonal são hereditárias, mas também condicionadas por fatores geográficos, sociais, econômicos, sexuais e psicológicos.

Entre jovens do mesmo sexo há também variações quanto ao ritmo e a duração do período de transformação. Da mesma forma que agem sobre o corpo, os hormônios também atuam sobre seu lado emocional, fazendo surgir sensações e emoções totalmente novas. Aflora o desejo explorando o próprio corpo e ao mesmo tempo, medos, angústias e cobranças em relação à iniciação sexual.

Para Calligares (2009,p.31) a adolescência sendo fase de transição dos aspectos biológicos, momento de mudanças comportamentais, com todos os riscos e vulnerabilidade que a própria idade tem, é importante ressaltar, que, esta faixa etária está em constante crescimento, e as ações em saúde e educação necessitam estar ao lado dessas mudanças. Assim, nossa prática diária, aponta, para uma grande necessidade de integração de toda a sociedade organizada, para melhoria das ações que são desenvolvidas com esta população, para atendê-los de forma integral.

Na adolescência o aumento do número de casos de gravidez tem sido objeto de estudo e de muitas pesquisas, e ocupado a cena de vários levantamentos estatísticos. Segundo estudos realizados em diferentes culturas, ficou constatado que entre certos povos a adolescência restringe-se a um curto período de amadurecimento sexual, onde é gradativamente lançada ao adolescente a nova imagem do homem ou da mulher, rompendo com as características anteriores de criança, para assumir uma imagem de adulto e se moldar a este novo padrão, sendo sem dúvida, a mais difícil fase da vida e a última fase em que pais e professores podem modificar o comportamento dos mesmos (SILVA, 2011,p.67).

Uma matéria publicada pela revista Carta na Escola fala que especialistas reconhecem que é fundamental antecipar e ampliar o conhecimento da sexualidade para se conseguir prática sexual consciente e saudável, antes que o exercício de “tentativa x erro” se imponha. Ora, não é possível preparar quem quer que seja para a iniciação sexual, sem instrumentalizá-lo para a vida, como um todo. Essa preparação não se restringe a fornecer informações sobre biologia, anatomia, reprodução, sexo seguro, sexo de risco, DST (CARTA NA ESCOLA, p.42, março 2014).

Aos adultos cabe trabalharem para transmitir, desde cedo, o que o computador ou amigo mais próximo não estão capacitados. Não exatamente um modelo de desempenho em que o adolescente se espelhe, mas, sobretudo, a

valorização, da ética, do bom senso e da responsabilidade, na ele se inspire(BRASIL, 2001, p. 305).

3.1.2 – Ampliando o Conceito de Sexualidade

Segundo Farias (2003,p.57) a sexualidade permeia toda a ação humana, é inerente ao homem, nascem juntos se complementando no transcorrer do desenvolvimento da humanidade. Assim, o tema “Sexualidade” vem gerando desde sua gênese dúvidas e constrangimentos, embora sendo um dos muitos aspectos da vida do ser humano, sendo assim, impossível fazer de conta que ela não exista.

A sexualidade, para Favero (2007,p.18), é a busca da sensação, do prazer, do desenvolvimento da pessoa, do conhecimento de si mesmo e do encontro e descoberta do outro, com que se formará uma parceria sexual e a troca de intimidade na vida adulta. O desenvolvimento sexual começa desde o nascimento e evolui até o final da vida, em diversas fases de maturação de personalidade. São valores, sensações, emoções, desejos, relacionamentos, escolhas que vão de desenvolvimento em milhares de vivências.

Favero (2007, p. 33), coloca a sexualidade:

Como uma busca por prazeres, não somente os sexuais, mas qualquer tipo de prazer, como por exemplo, a satisfação que se procura ao admirar-se em um espelho. Pode também englobar descobertas proporcionadas pelo contato e pelo toque, atração por outras pessoas com intuito de obter prazer pela satisfação dos desejos do corpo, entre outras características.

Sendo assim, o desenvolvimento da sexualidade é um dos pontos mais misteriosos para os adolescentes, dentre os muitos a serem desvendados. A mídia por sua vez, conhecedora das características dessa fase da vida, vem estimulando condutas comportamentais que privilegiam a descoberta precoce da sexualidade.

Já as brincadeiras e os jogos sexuais, que poderiam significar tão somente um lado do autoconhecimento, são reprimidos. Apesar do grande volume de informações veiculadas pelos diferentes meios não garantem por si só e nem operam milagres a favor de um comportamento preventivo e um comprometimento

efetivo com a questão do combate à AIDS e, conseqüentemente, de uma gravidez indesejada(VALLADARES, 2002, p.38).

A afirmação que a sexualidade inicia-se na puberdade, está condicionada ao pensamento de que sexualidade e sexo são as mesmas coisas. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998,p.94) e Favero (2007,p.61), muitas vezes esses termos são confundidos, mas sexo é apenas uma das formas de manifestar a sexualidade.

Assim, Sexualidade é um termo abrangente que engloba diversos fatores: sociais, políticos e culturais, dificilmente se encaixando em uma definição única e absoluta. Teoricamente, a sexualidade como a maioria conhece, inicia-se juntamente à adolescência o que, como já citado anteriormente, deve ocorrer por volta dos 10/12 anos de idade. Além disso, o termo sexualidade leva a um universo onde tudo é relativo, pessoal e muitas vezes paradoxal. Diz-se que é o traço mais íntimo do ser humano e, portanto, se manifesta de diferentes formas em cada indivíduo. A peculiaridade sexual de cada um vai ser expressa de acordo com a realidade e as experiências vivenciadas pelo mesmo(SOUZA, 2002, p. 68).

Para Heilborn (2006,p.22), o aprendizado da sexualidade nada mais é que a vivência da mesma, ou seja, a experimentação do próprio corpo e de impregnação pela cultura sexual do grupo, que aumenta nessa fase da vida. O aprendizado constitui-se na familiarização de representações, valores, papéis de gênero, rituais de interação e de práticas, presentes na noção de interação sexual.

Nesse contexto, para Suplicy (2005,p.41), a sexualidade tem sido objeto de atenção em nossa sociedade. O início da atividade sexual ocorre, na maioria das vezes, durante a adolescência, tornando-se necessário avaliar as atitudes e, conseqüentemente, a vulnerabilidade desse grupo social.

O adolescente, de forma geral, quando discute o tema sexualidade, traz consigo componentes genéticos e biológicos, conhecimentos e valores construídos ao longo de suas experiências de vida, além de uma estrutura psicoemocional e potencial para questionamento e criação (MANDÚ, 2001, p. 84).

As questões relacionadas com sexo, sexualidade, educação sexual, são vistas hoje como uma séria questão de saúde pública, já que os índices de gravidez na adolescência e contaminação por DST's vêm aumentando significativamente. Este aumento pode comprometer, às vezes, de forma devastadora, o futuro dos adolescentes que acabam por abandonar os estudos(FARIAS, 2003, p. 31).

Já a Organização Mundial de Saúde (OMS) vê a sexualidade como um aspecto humano que não pode separar dos outros aspectos da vida. Isso porque ela influencia nossos pensamentos, sentimentos e ações, bem como a saúde física e mental, e, portanto, deve ser considerada um direito básico do ser humano (OMS 2010, p. 140).

Em vista disso, a sexualidade é, portanto, indissociável da educação e da cidadania.

3.2 - SEXUALIDADE E O PROCESSO EDUCACIONAL

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998,p.33), o trabalho de orientação sexual compreende a ação da escola como complementar à educação dada pela família, tendo em vista o papel da escola enquanto espaço aberto para a que a pluralidade de concepções, valores e crenças sobre a sexualidade possa se expressar.

Estudos mostram que, o professor, mesmo sem perceber transmite valores com relação à sexualidade no seu trabalho cotidiano, inclusive na forma de responder às questões mais corriqueiras trazidas pelos alunos (FANELLI, 2003, p. 54).

Assim, a realidade aponta a necessidade de o educador ter acesso à formação específica para tratar da sexualidade no âmbito da escola, possibilitando desta forma a construção de uma postura profissional e consciente no trato desta temática.(SAYÃO, 1997,p. 125)

3.2.1 – A escola na orientação sexual dos alunos

Segundo Suplicy (2005,p.68), a sexualidade está estampada diariamente na vida dos alunos, pois ela não constitui apenas a parte biológica, mas também aspectos históricos e culturais que criam os valores.

A escola, para Nasio (2011,p.87), agrega valores aos seus alunos, e junto com os educadores tenta mostrar de forma delicada e sutil, que essa sexualidade deve agir em prol deles e não contra eles. E essa escola não pode só ditar o que é certo e errado, deve também ouvir esses adolescentes, saber o que eles pensam.

A sexualidade ainda é vista como tabu pois ainda, para alguns adolescentes, ela vem acompanhada de dúvidas, repreensões ou traumas. E o trabalho da orientação sexual é exatamente esse: proporcionar aos jovens a possibilidade do exercício de sua sexualidade de forma responsável e prazerosa (SOUZA, 2002, p. 38).

Nas escolas a orientação sexual é tratada como tema transversal e não como disciplina. Ela contribui em diversas áreas, como antropologia, história, economia, sociologia, biologia, medicina, psicologia e outras mais (SUPLICY, 2005, p. 29).

Tema transversal diz respeito à possibilidade de se estabelecer, na prática educacional, uma inclusão entre estudar conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender com a realidade) as questões da vida real (aprender na realidade e da realidade) (PCN, 1998, p. 38).

A orientação sexual entrou nos currículos escolares através dos PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais) por haver uma necessidade de maior orientação aos adolescentes dentro das escolas. Esse tema age em conjunto com várias matérias, cabe ao professor ter orientação e discernimento para ministrá-lo de forma coerente, mostrando aos jovens a importância de conhecer os seus próprios limites (PCN, 1998,p.18).

Ela orienta o adolescente a respeito de prevenções de doenças sexualmente transmissíveis, uma possível gravidez indesejável englobando o aborto e o mais importante ela vem para mostrar como é importante respeita e conhecer seu próprio corpo, sua sexualidade (PCN, 1998, p. 20).

Calligares (2009,p.53) fala que abordagem da sexualidade no âmbito da educação dever ser clara, e tratada de forma simples e direta, no entanto deve ser ampla, para não reduzir sua complexidade, flexível, para permitir o atendimento aos conteúdos e situações diversas; e sistemática, para possibilitar a aprendizagem e desenvolvimento crescentes.

E nesse ponto, pode se estabelecer o tipo de atitude em relação à prevenção da gravidez. Consequências notadamente ocorrem quando comparamos indicadores relacionados ao acesso e aquisição de informações por parte dos indivíduos: por exemplo, pessoas cientes do risco de engravidar não se protegem numa relação sexual. E ai se pergunta: o que se faz com a informação? Por que ela não é incorporada? Que fatores pesam mais na hora da relação sexual (FARIAS, 2003, p. 37)?

Se para os adultos essas questões são difíceis de serem respondidas, imaginem para os adolescentes. Talvez o foco para a compreensão venha da soma de fatores emocionais, efetivos, culturais, morais, mais o impacto do momento a ser desfrutado, segundo Farias (2003,p.96).

No entanto, vivemos hoje um momento crítico, de especial cuidado conosco, com nossos parceiros e enquanto educadores, de grande responsabilidade na formação de novas gerações. Assim, tendo a informação dentro da escola, não significa que o aluno, não vá atrás de outras informações a respeito do assunto, de sua curiosidade, haja vista o que a escola só trabalha com Orientação Sexual e muitos querem mais, querem saber profundamente(FANELLI, 2003, p. 103).

Os jovens são apresentados na busca de informações sobre a sexualidade, atropelando etapas naturais das descobertas e confundem-se com o emaranhado de informações.

Hoje em dia, a maioria das publicações na mídia sobre vida sexual conta com um ponto de partida: as perguntas dos leitores, que chegam aos montes. O que significa esse fato? Porque jovens, mesmo privilegiados, que têm pais esclarecidos, acesso a escolas preparadas para realizar esse trabalho, leituras e outros recursos mais, insistem em dúvidas e demandam respostas. (SAYÃO, 1997, p. 103)

Se, em outros tempos, o discurso do prazer serviu para justificar a ausência de prevenção, hoje os riscos são muito grandes e não dá para corrê-los. É o momento do fazer valer o discurso de prevenção, tanto entre os adultos como para os (as) adolescentes, e descobrir formas alternativas de se ter prazer (NICOLLI, 2001, p. 57).

Para Favero (2007,p.88) hoje, torna-se necessário falar de sexo. Problemas como a Gravidez na Adolescência não permitem que esse assunto seja proibido. Falar de cuidados e comportamento preventivo na família, na escola, nos órgãos públicos e nos meios de comunicação. Mas, se contrariando as nossas expectativas de adultos, profissionais e pais, que imaginamos para nossos filhos a organização de suas vidas por etapas – profissionalização, trabalho, casamento, filhos, nossos adolescentes resolvem que serão pai ou mãe precocemente, para o modelo atual de sociedade, fica para nós a tarefa de apoiá-los efetivamente em suas decisões, orientando-os sobre seus deveres e responsabilidades na manutenção e constituição da nova família.

É importante ajudá-los a assumirem juntos e publicamente a gravidez, e estarem cientes da importância dos cuidados que essa situação exige, como pré-natal, alimentação adequada, troca de afetos, entre outros. E, na hora do nascimento, comemorar junto com os jovens pais as emoções que um filho ou filha possa trazer, sem medo de ser feliz (SOUZA, 2002, p. 32).

Na adolescência o sexo é também uma maneira de autodescobrimento, por meio da curiosidade que ele tem a respeito do outro. Ao perceber diferenças entre ele e o seu parceiro, ao descobrir as zonas erógenas do outro, ele vai tomando maior consciência e passa a conhecer melhor o seu próprio corpo.

Portanto, a Educação Sexual tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois além da sua potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental das pessoas. Manifesta-se desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento humano, sendo construída ao longo da vida (NASIO, 2011, p. 40).

Em virtude da ação comportamental existente nos dias de hoje, a ciência vem lutando para desvendar aspectos ainda desconhecidos da sexualidade na tentativa de encontrar soluções para os problemas causados pelo comportamento das pessoas e a prática do sexo sem qualquer responsabilidade. Juntamente com a ciência, a sociedade como um todo, pais, médicos, professores, precisam ter consciência para lidar com esse tabu, ensinando as gerações por meio de atitudes, olhares, tons de voz, para despertar nos jovens ações comportamentais mais seguras e conscientes, na tentativa de se sobressaírem a preceitos morais, religiosos e interesses determinados pelo poder vigente (FAVERO, 2007, p. 55).

Para Silva (2011, p.21) as ações em Educação Sexual, para reverberarem efetivamente na vida dos jovens, devem ser pautadas em atividades contínuas e que possibilitem o engajamento dos estudantes.

Muitas ações são realizadas no âmbito escolar, contudo, pregando o que é certo e o que é errado, sem criar a possibilidade de escolha. A Educação Sexual, em geral, baseia-se em uma visão biologistas, com explicações sobre os órgãos sexuais e informações pautadas na pedagogia do medo, sobre as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's) e a reprodução. Isso acaba por afastar o interesse dos jovens, não são levados em conta os aspectos emocionais envolvidos, afirma Suplicy (2011,p11).

Devemos lembrar que muitos professores, mesmo sem perceber, já ficam incomodados em transmitir esse tipo de conteúdo para seus alunos. Não é difícil que, na apresentação dos aparelhos constitutivos do corpo humano, o reprodutor seja o último da sequência (SAYÃO, 1997, p. 101).

Podemos dizer, então, que, a cada dia, torna-se fundamental que a escola “abra as portas” para essa discussão, e que o professor, por sua vez, se reconheça como um agente transformador da realidade, principalmente dentro da sala de aula (SILVA, 2011, p. 105).

Segundo Calligares:

A Sexualidade é uma energia presente na vida dos indivíduos desde a mais tenra idade, os pais devem estar abertos e preparados para conversar com os filhos sobre o tema quando ele aparece. (2009, p. 101).

Por isso, nas conversas com os familiares, cabe aos professores mostrar que a Educação Sexual está prevista nos PCN's e faz parte do projeto pedagógico, enfatizando que o papel da escola é passar informações científicas e propiciar o debate de temas pertinentes à idade de cada turma, tentando com isso aplacar as angústias dos adolescentes em relação ao tema, explicando que o objetivo maior é fazer com que os jovens tenham uma vida saudável e entendam o que acontece com eles quando os hormônios estão em ebulição, deixando claro que os valores morais em nenhum momento devem ser desrespeitados, proporcionando ainda atividades paralelas aos alunos cujos pais se aponham à participação do filho nas atividades de Educação Sexual(PCN, 1998, p. 24).

Para Takiuti:

Abrir as portas de uma nova casa, com uma nova família, e de uma nova escola com novos educadores, faz-se necessário, pois não encontrando o diálogo transparente e franco, o conforto da sensibilidade, o abraço apertado e sincero, os adolescentes continuarão a se isolar nos bandos coniventes com todos os impulsos próprios da fase da vida desses tão queridos, mas tão mal compreendidos, seres humanos (2002, p. 122).

Desta forma, cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a construir um ponto de autorreferência por meio da reflexão, e a partir daí, desenvolver programas que, integrados ao projeto pedagógico, contemplem as questões que passam pelo prazer e pensar, respeito por si e pelo outro, desenvolvendo uma visão crítica e reflexiva

sobre o corpo e a sexualidade, exercendo, assim a sua cidadania no sentido mais pleno.

A orientação sexual, como sabemos, é um processo educacional, e deve ocorrer de forma sistemática e contínua, para que possa haver aprendizagem dos alunos. Se este ocorre esporadicamente, não trará efeitos em modificar posturas errôneas de comportamentos relacionados à sexualidade(PCN, 1998, p. 22).

É necessário, portanto, que o aluno construa um repertório de habilidades sociais relacionadas à sexualidade, que são desde informações a respeito do uso de preservativos, como informações a respeito do que seja paixão, amor, e que este repertório comportamental seja condizente com a sua cultura. Para tanto, é necessário que a sexualidade na escola seja trabalhada de forma transversal, integral, e, sobretudo, imparcial, considerando a necessidade e a realidade de cada educando. Além disso, é fundamental que todos os envolvidos no processo educativo considerem a importância do tema e aprendam a lidar com ele, despendo-se de preconceitos tabus e resistências, pois acreditamos que este é um dos caminhos para uma educação transformadora e cidadã BRASIL (200,p.292)

3.2.2 – A Escola e a Gravidez na Adolescência

A problemática da gravidez na adolescência para Suplicy (2005,p.52) é, de modo geral, enfrentada com muita dificuldade. As adolescentes repletas de novas sensações sentem-se tomadas por sentimentos muito fortes e às vezes até inexplicáveis para elas. As sensações fortemente excitantes acabam se comportando como rios turbulentos, inundam o árido terreno da razão, que na maioria das vezes faz com que as relações sexuais entre adolescentes sejam impulsivas, aumentando os riscos de gravidez.

Estudos indicam o quanto ainda está por ser feito no sentido de se prevenir esse problema; ao mesmo tempo em que pensam que a gravidez precoce não irá ocorrer, a incidência das primeiras relações sexuais sem orientação educacional e científica vem ocorrendo cada vez mais cedo, aumentando o risco de gravidez na adolescência(FANELLI, 2003, p. 52).

Para Takiuti, a gravidez na adolescência é:

A gravidez na adolescência é um desafio social e não um problema exclusivo da adolescente que normalmente, fica muito sozinha nesse período, pois o companheiro, também adolescente, assustado, às vezes se afasta; os pais defensores da moral vigente, esbravejam, agridem e levam a jovem à depressão. É preciso entender que a adolescente não pode, de jeito nenhum, assumir risco social algum, ou uma gravidez não planejada (2002, p.119).

A gravidez na adolescência significa uma rápida passagem da situação de filha para mãe, numa transição abrupta do seu papel de mulher ainda em formação para o de mulher-mãe. Nesse sentido, é um desafio que merece preocupação redobrada e reflexão continua da sociedade como um todo.

Segundo os PCN's:

O trabalho de Orientação Sexual também contribui para a prevenção de problemas graves, como o abuso sexual e a gravidez indesejada. Com relação à gravidez indesejada, o debate sobre a contracepção, o conhecimento sobre os métodos anticoncepcionais, sua disponibilidade e a reflexão sobre a própria sexualidade ampliam a percepção sobre os cuidados necessários quando se quer evitá-la. Para a prevenção do abuso sexual com crianças e jovens, trata-se de favorecer a apropriação do corpo, promovendo a consciência de que seu corpo lhes pertence e só deve ser tocado por outro com seu consentimento ou por razões de saúde e higiene. Isso contribui para o fortalecimento da auto-estima, com a consequente inibição do submetimento ao outro (1998, p. 293).

A preocupação constante da escola no diálogo com o adolescente é buscar questionar posturas radicais, conceitos de convivência fechados em si para que percebam o lado do outro, que são diferentes do seu como opção pessoal ou cultural que precisa ser considerada e respeitada. Isso não significa que é necessário assumir, acreditar e não se posicionar.

Para Silva (2002,p.40) o trabalho da escola frente às adolescentes grávidas é outro tema que a sociedade e, principalmente, pais e educadores necessitam enfrentar. Vivemos numa organização social que segrega os semelhantes como se uns fossem biologicamente melhores que outros. As ciências humanas e sociais hoje nos dizem que geneticamente somos portadores de múltiplas capacidades. A psicologia e a própria educação dizem que somos seres de “múltiplas inteligências”. O difícil, diante da vida, é classificar qual é a mais importante. E para isso é preciso erradicar tudo o que exclui, discrimina e segrega. Cada pessoa é muito importante do jeito que é, com o que tem e acredita. Não temos que ter medo porque o outro é portador de alguma doença, tem crenças e opções diferentes das nossas.

De acordo com Fanelli (2003,p.79), preocupar-nos em buscar em conviver sem discriminação e preconceito é com certeza reinventar esse mundo. E é a tarefa que precisamos assumir em nossa vida cotidiana.

A acolhida de adolescentes grávidas, não só pelos colegas, mas pelos professores, é um dos exemplos da participação coletiva num projeto de convivências e vivencia do quanto é importante esse trabalho frente a essas adolescentes. Anteriormente essa adolescente grávida, ou mudava de turno ou saía da escola, privando a si de um desenvolvimento mais saudável e aos colegas e professores do aprendizado que essa convivência traz para todos. O importante é eliminar a discriminação e o despreparo da comunidade escola em lidar com as meninas-mães, mas ainda há uma grande dúvida no ar: a gravidez das adolescentes e suas consequências são questões pertinentes às secretarias de educação? Ou seriam específicas as áreas da saúde? Não está claro para as escolas qual é o papel delas frente a uma aluna grávida. Não há protocolo oficial de orientação. Por isso, o que se vê são iniciativas pontuais de apoio, nascidas de boa vontade de educadores(NICOLLI, 2001, p. 75).

Para tratar da questão da gravidez na adolescência na escola, é comum recorrer a três qualificativos que remetem às noções de oportunidade, adequação, previsão e desejabilidade do evento (SILVA,2002, p. 48).

- a)** Gravidez precoce – pressupõe uma idade adequada para ter filhos, isto é, a existência de um ponto ótimo de maturidade física e psicológica.
- b)** Gravidez não planejada – resultante de um descuido, por omissão, falta de habilidade ou problema no uso de contraceptivos, solicita antevisão do risco associado à vida sexual ativa.
- c)** Gravidez não desejada – contraria as aspirações à felicidade naquele momento da vida.

Essas noções, para Zagury (2007,p.83), certamente, são permeadas pelos significados e valores atribuídos à juventude nos distintos contextos socioculturais e pela hegemonia do recurso ao enfoque de risco para hierarquizar os problemas e planejar as ações de saúde. A gravidez precoce é uma das ocorrências mais preocupantes relacionadas à sexualidade da adolescência, com sérias

consequências para a vida dos adolescentes envolvidos, de seus filhos que nascerão e de suas famílias.

Ainda, segundo Zagury (2007,p.32), hoje, muitas adolescentes grávidas costumam ser “convidadas” a sair de suas escolas, logo que a direção toma conhecimento do fato. São assim violentados os direitos básicos dessas garotas. Em vez de encarar a questão e apoiar a jovem, as instituições procuram se livrar do problema o mais rapidamente possível. Quando não o faz ativamente, já falta de suporte pedagógico específico acaba desestimulando a adolescente, que muitas vezes abandona o colégio e/ou os estudos. Entretanto, há outros quadros bem diferentes dos que vêm sendo apresentados. Existem casos documentados de escolas com alto índice de adolescentes grávidas, que decidem encarar de frente a realidade, discutindo o problema com alunos e pais. Com o apoio da comunidade, conseguem chegar a soluções como a criação de creches para atender os bebês das jovens mães, evitando que elas parem de estudar.

Já para Takiuti (1996,p.130), repensar sobre o papel da escola e dos conteúdos por ela trabalhados para que estas adolescentes permaneçam na escola é uma das formas encontradas pelas instituições. Uma outra repercussão importante da gravidez precoce que tem a ver com a escola, é o debate sobre a gravidez na adolescência, se esta provoca ou não a evasão escolar. Entretanto, questionamos se a baixa escolaridade e evasão seriam causa ou efeito deste fenômeno.

Segundo Farias (2003,p.85), uma investigação brasileira sobre relação gravidez precoce e a evasão escolar aponta que a incidência de gestações foi decrescendo e a incidência da evasão manteve-se estável: em 1999 foram informadas pelos diretores das unidades escolares 114 gravidezes para 25 casos de evasão; em 2000 foram 108 gestações para 19 evasões e em 2001 registrou-se 82 casos de gravidezes para 21 casos de abandono da escola em decorrência da gravidez.

Para Mandú (2001,p.61), os profissionais da saúde e cientistas sociais nos orienta que o “sexo seguro” só se faz por meio de informação, de leituras, de reflexões quanto às Orientações Sexuais, da troca e respeito ao outro e do uso de preservativos. Sendo o corpo: matriz da sexualidade; diferente de organismo e devendo ser compreendido como um todo integrado. O antigo conceito de que esses assuntos “incentivam” os adolescentes a iniciar a vida sexual mais cedo é hoje contestado pelas pesquisas na área. Os profissionais que tratam desse assunto

demonstram que quanto mais acesso a informações corretas o adolescente tiver, mais tarde, geralmente, ele inicia a vida sexual e sempre com mais responsabilidade e consciência das suas posturas. Portanto, abrir-nos ao diálogo com nossos alunos significa assumir com eles condutas e opiniões de vida com mais maturidade e maior tranquilidade.

Depois de passar as informações sobre o engravidar, é importante que pais, filhos e educadores conversem, discutam e reflitam sobre consequências de uma gravidez indesejada, num momento em que, muitas vezes, não se está preparada para assumir uma “nova” família. Portanto, cada coisa a seu tempo, a sua hora; a partilha consciente com outrem nos levará a uma vida mais saudável e menos sofrida, diz Favero (2007,p.81).

Assim, Souza afirma que:

Quando a escola e a família não se completam na ação educativa, não há programa de Orientação Sexual capaz de trazer o benefício e o aproveitamento total do que propõe. Por isso, o primeiro passo para um bom trabalho com esse tema transversal é integrar a família com a escola e conscientizar os pais do seu papel de educadores de seus filhos. Então, pais e professores poderão caminhar paralelamente, na mesma direção e sentido, integrando-se para obterem sucesso na ação educativa sexual (2002, p. 113).

Vale ressaltar, que nenhuma proposta no âmbito escolar poderá ser bem sucedida sem o apoio e a participação da família, principalmente em se tratando de questões delicadas e polêmicas como é o caso da Orientação Sexual.

4 - METODOLOGIA

O estudo teve uma abordagem do tipo qualitativa por ser feita através de coletas de dados com características descritivas e/ou analíticas, com alunas adolescentes das turmas de Educação de Jovens e Adultos(3ª e 4ª etapas) no turno noturno na Escola Municipal de Ensino Fundamental João Almeida e Silva localizada na zona urbana da cidade de Dom Eliseu – PA.

Para a realização deste trabalho, utilizamos como instrumento de pesquisa a entrevista (em anexo), a observação e aplicação de questionários com perguntas abertas e fechadas, com a finalidade de conhecer um pouco da realidade das entrevistadas.

As fontes de informação para a pesquisa foram documentais e orais a partir das integrantes da pesquisa.

As fontes documentais se deram através dos questionários respondidos pelas alunas com conversas informais.

A coleta de dados ocorreu em etapas, a saber:

Etapa I- Observação do contexto escolar e análise de documentos pedagógicos (Planos de aula, Projetos e outros).

Etapa II – Entrevista com 08 alunas adolescentes, através de relatos e questionário contendo perguntas abertas e fechadas.

A análise dos dados realizada no trabalho vem ao encontro de uma concepção social crítica, com base no Método Dialético. Por tratar-se de uma pesquisa qualitativa, não visa medir ou numerar dados, mas sim, de explorar, de buscar respostas ao tema proposto. Assim, nesta pesquisa foram ouvidos os sujeitos, a fim de colher indicativos de análise e reflexão sobre a temática, subsequentemente, o questionário, tendo como referências os objetivos propostos(OLIVERA, 2004, p.12).

4.1 - RESPONSABILIDADE DE DISCUTIR A SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA

As adolescentes foram questionadas a respeito de quem é a responsabilidade de discutir a sexualidade na adolescência, e os dados revelam que todas as entrevistadas foram unânimes, ao atribuírem aos pais esta tão importante tarefa.

... Dos pais. Porque é com eles que devemos aprender, até porque eles são as pessoas mais aconselháveis a fazer isso. É com eles que convivemos todos os dias, e nos conhecem como ninguém(entrevistado 01)
 ...Dos pais. Porque eles são os responsáveis por nós.(entrevistado 02)

A responsabilidade pela orientação sexual é recorrente em muitos estudos sobre a adolescência. De acordo com Freire (2002,p.18), quando os filhos passarem da fase da infância para a adolescência devem ser orientados pelos pais, todavia estes não devem tomar decisões por eles. Os pais devem orientar e indicar o caminho que consideram certo, deixando os filhos livres para fazer suas escolhas, tendo autonomia para isso. Contudo, é necessário saber quais as reais possibilidades que os pais têm de orientar os filhos.

Para Heilborn (2006,p.36), há a necessidade de que as políticas públicas voltadas para as famílias ofereçam aos pais os conhecimentos necessários para que os mesmos possam contribuir na prevenção da gravidez na adolescência. Isso porque, muitas vezes eles se veem perdidos diante das grandes transformações que estão ocorrendo na sociedade, sem saber qual a melhor forma de lidar com a problemática.

4.2 - TRABALHO DA ESCOLA FRENTE A SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA E SUAS IMPLICAÇÕES

A falada das entrevistadas conduz a um mesmo sentido quando concordam que, também é tarefa da escola abordar questões sobre sexualidade e suas implicações.

Todavia, o que se percebe na prática, é que a escola não vem desempenhando seu papel, quando se trata dessa temática. Isso porque, só se fala de sexualidade em algumas atividades das aulas de ciências e de biologia. Dessa forma, ela deixa de cumprir uma tarefa de suma importância, que é a de orientar o educando para a vida, dentro e fora da escola.

Segundo Suplicy (2005,p.77) incluir a sexualidade humana como um dos temas transversais denota a importância que o discurso, a concepção e a interpretação da

sexualidade assumiram em nossa época e cultura. Por outro lado, percebe-se que existe pouco uso dos Parâmetros Curriculares Nacionais, pois este não é usado como guia de informação a respeito do tema orientação sexual. Os temas transversais são uma proposta interessante. No entanto, não saber como abordar ou não abordar tais temas, pode prejudicar o trabalho educativo no âmbito da escola.

4.3 - PREVENÇÃO E SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA

As adolescentes que tem conhecimento sobre métodos contraceptivos foram uma maioria expressiva, apenas uma adolescente disse não ter conhecimento sobre tais métodos, correspondendo a cerca de 12,5% do total. Então, contrariando o que muitas vezes é pensado no senso comum, e confirmando uma das hipóteses lançadas quando a proposição deste trabalho, de que não é por falta de conhecimentos sobre prevenção que estas adolescentes engravidaram.

Assim, embora não tenham tido orientação sexual na escola, ou não tiveram de forma sistemática, certo conhecimento a cerca de métodos contraceptivos e de prevenção, todas tinham acesso a informações a respeito do assunto, apenas uma não tinha acesso.

Não podemos desconsiderar, segundo Valladares (2002,p.37), que independente dos adolescentes receberem orientação a cerca de sexualidade no âmbito familiar e escolar eles sabem sobre o assunto, mas a gravidez não planejada pode ter ocorrido devido à ausência de diálogo por parte dos adultos ou por receberem informações distorcidas que são recebidas de forma exagerada.

4.4- Facilidades e Dificuldades Para a Escola Lidar Com a Gravidez na Adolescência

O preconceito, a discriminação, a vergonha, a falta de informação advinda da escola habitam o universo dos discursos das alunas ouvidas em nossa pesquisa, quando questionadas sobre as facilidades e dificuldades que a escola encontra para lidar com a gravidez na adolescência, sendo enfatizadas as dificuldades, que dão abrangência à temática e que estão expressas nos discursos a seguir:

A escola tem uma grande dificuldade em lidar com a gravidez das alunas, pois ela não retrata sequer os métodos de prevenção nestes casos, embora esteja livre para palestras (entrevistada 04).

As dificuldades são que a pessoa que engravidar vai se sentir isolada e desistir de estudar, pelo fato de ver só ela grávida ou criticada (entrevistada 04).

Na escola pesquisada não existe um trabalho voltado para as questões emergentes da adolescência. Apesar dos transtornos que podem advir das práticas do exercício da sexualidade sem proteção, havendo a possibilidade de gerar uma gravidez, a prevenção mediante uma contínua orientação, é a indicação mais adequada para se evitar certos constrangimentos. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998,p.63) é importante estudar a possibilidade de se articular a gravidez à continuidade do processo educacional pelo prisma da garantia de um direito fundamental da adolescente.

4.5- REFLEXOS DA GRAVIDEZ INESPERADA NA VIDA DA ADOLESCENTE

Quando se pergunta sobre o que acham de uma gravidez inesperada a pesquisa revela que todas as adolescentes entrevistadas se sentem preocupadas após a gravidez por sentirem dificuldades em manter as atividades que faziam anteriormente, bem como frequentar a escola, realizar atividades sociais como sair para se divertir, além das dificuldades para se conseguir um bom emprego, dentre outros.

Os estudos de Fanelli (2003,p.74) revelam que a gravidez na adolescência é uma temática bastante estudada, mas, se faz necessário a elaboração de programas educativos advindos das mais diversas esferas da sociedade, a fim de promover a saúde com informações adequadas e sensibilização dos adolescentes para o acesso aos serviços de saúde, promovendo assim, a prevenção da gravidez na adolescência por meio da sexualidade protegida.

4.6- CONHECIMENTO SOBRE DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Todas as entrevistadas têm conhecimento sobre as doenças sexualmente transmissíveis. Mas, a escola deveria trabalhar melhor essa temática. Para tanto, poderia desenvolver projetos pedagógicos voltados para esta questão, uma vez que a grande maioria de sua clientela é de adolescentes. E, como sabemos, é uma

fase em que o educando precisa muito de ajuda em termos de orientação, para que possa desenvolver sua cidadania de forma crítica e consciente.

Segundo Silva (2004,p.52) em consonância com a crítica feita nos Parâmetros Curriculares Nacionais, estudiosos dessa área consideram que as informações envolvendo sexualidade que são passadas nas escolas, nos meios de comunicação entre outros, estão muito focalizadas em temas que ficam distantes da realidade dos alunos, não são próximas as suas vivências, nem aos seus interesses.

4.7 - LIBERDADE PARA FALAR SOBRE SEXUALIDADE E MÉTODOS PREVENTIVOS COM OS PAIS

Quando perguntadas sobre a liberdade para falar de sexualidade e métodos preventivos com os pais observamos que 62,5% das entrevistadas responderam que têm essa liberdade. Enquanto que 37,5% das entrevistadas disseram que não.

A existência de conversas entre pais e adolescentes sobre temas como vida sexual, métodos contraceptivos, talvez não sejam feitas na profundidade considerada adequada, ou ainda pode-se identificar a ausência de diálogos íntimos sobre estas temáticas e esse fato pode ser um viés para a ocorrência de gravidez na adolescência. Pois muitos temem os julgamentos e repressões dos adultos quanto as suas formas de lidar com a sexualidade (SILVA, 2011,p,39).

Fanelli (2003,p.57) fala que os pais sentem-se envergonhados em falar sobre sexualidade com os filhos, estes também sentem vergonha em conversar com seus pais sobre o assunto, sobretudo por ficarem com medo de que tenham interdições ou proibições, uma vez que seria explicitamente revelado que já tem uma vida sexual ativa.

4.8- ACOMPANHAMENTO ESCOLAR DIANTE DOS CASOS DE EVASÃO DECORRENTES DA GRAVIDEZ

Nas questões abordadas nesta parte da entrevista pretendeu-se conhecer através das falas das adolescentes se concordam que a escola acompanhe os casos de evasão decorrentes da gravidez. Nos seus relatos pode se perceber que a maioria acha que a escola deve ajudar tanto a situação do adolescente em termos

educacionais, ou seja, suas pretensões em relação à extensão da escolaridade, bem como as finalidades a alcançar com os estudos.

Nos seus relatos e conversas informais, pode-se perceber mudanças nas pretensões quanto à extensão dos estudos. Algumas das jovens apontaram que pretendiam, a princípio, concluir o ensino fundamental ou, no máximo, o ensino médio e, devido à percepção da crise dos empregos e associação da mesma ao nível de escolaridade, mudaram seus planos passando a desejar estudar até o término do ensino médio ou até o término do ensino superior.

Nos estudos de Silva(2002,p.16), observa-se que os professores se encontram despreparados para abordar tais assuntos, outros não tem conhecimento a respeito até do que seja sexualidade. Outros estudos revelam que a escola e também a família se mostram pouco preparados para abordar questões das manifestações sexuais de crianças e adolescentes. É necessário, portanto, entender que a orientação sexual dentro da escola articula-se como um processo de promoção da saúde, e esta deve ser promovida de forma duradoura.

Segundo Nicolli (2001,p.81),a orientação sexual, nos moldes em que está sendo proposto nas escolas está mais relacionado aos programas de saúde com ênfase aos lados biológicos e higienista, e isto reflete no despreparo dos educadores frente a essa temática, não apresentando informações que são realmente necessárias aos adolescentes.

5 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

A observação do contexto escolar e a análise dos planos de aula dos professores e do planejamento da escola mostrou que não havia nenhuma atividade direcionada para a temática da sexualidade na adolescência.

No que se refere às entrevistas realizadas com as alunas, fez parte do universo inicial dessa pesquisa 08 (oito) alunas adolescentes mães, sendo quatro da 3ª etapa (que corresponde às 5ª e 6ª séries) e as outras das turmas 4ª etapa (7ª e 8ª séries), tendo a finalidade de propiciar uma melhor compreensão acerca das questões que envolvem a temática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo é possível perceber que a educação sexual dos adolescentes é a forma mais correta de reduzir o número de gravidez que ainda ocorre nessa faixa etária. De acordo com os autores pesquisados, a educação sexual constitui um fator de suma importância na prevenção da gravidez na adolescência.

Compete então à família, à escola, às instituições e a sociedade como um todo contribuir para manterem os adolescentes informados, de modo a se sentirem felizes e de viverem cada etapa de suas vidas com segurança, e no que se refere a maternidade, que seja em uma fase madura, e que possa ser vivida em toda sua plenitude, esplendor e harmonia, não interrompendo o curso natural da adolescência.

Muitos autores e especialistas têm discutido a questão colocando como ponto de referência a falta de informação ou a própria negligência do adolescente diante dos métodos contraceptivos indicados pela mídia, e até mesmo nos programas de saúde da família.

A realidade aponta a necessidade de um programa de prevenção da gravidez na adolescência no âmbito da escola e da família. Uma proposta viável seria a realização de atividades educativas, através de palestras, orientações individuais, discussões em grupos, procurando incorporar a experiência de outras adolescentes que engravidaram para auxiliar no esclarecimento, de sanar dúvidas e indagações dos participantes sobre a gravidez na adolescência.

Nesse sentido as escolas, as instituições ou programas que lidam com adolescentes precisam com urgência rever suas formas de apreensão da temática, analisando mais criticamente e produzindo ações mais eficazes de orientação, não só como uma questão de saúde, mas de conscientização das implicações / ou dificuldades podem causar uma gravidez nesta fase. Que seja realizada realmente uma educação sexual no sentido de não só orientar, mas, suscitar uma reflexão por

parte dos adolescentes em torno deste tema. Não como uma forma de moldá-los ou intimidá-los, mas, fazendo-os sujeitos de suas próprias escolhas.

Assim, não significa condenar a gravidez nesta fase, mas, com que seja planejada no seu sentido mais amplo, pois a chegada de uma criança implica em mudanças na vida da adolescente e das famílias envolvidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução ao parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. –Brasília: MEC/SEF, 174 f., 1998.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MECSEF, 2001

CALLIGARES, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2009.

FANELLI, Cláudia Márcia Trindade. **A Gravidez na Adolescência como um dos desafios para as Políticas de Educação E Saúde**/ Cláudia Márcia Trindade Fanelli. Rio de Janeiro: UERJ/Faculdade de Serviço Social, 2003.

FARIAS Rejane de. **Gravidez entre 12 e 14 anos: repercussões na vida de adolescentes em contexto de vulnerabilidade social**. Florianópolis, 265 p.

Dissertação de Mestrado em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

FAVERO, E. T. **Questão social e perda do poder familiar**. São Paulo: Veras, 2007.

GANDRA, Fernanda P. **O dia-a-dia do professor: adolescência, afetividade, sexualidade e drogas**. Belo Horizonte: Fapi, 2000.

HEILBORN, M. L. et al. Aproximações sócio-antropológicas sobre a gravidez na adolescência. **Revista Horizontes Antropológicos**, ano 8, nº 17, junho de 2006.

MANDÚ E. **Adolescência: saúde sexualidade e reprodução**. Ministério da Saúde, Brasília, 2001.

NASIO, Juan-David. **Como agir com um adolescente difícil? Um livro para pais e profissionais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

NICOLLI, Aline Andréia. **Educação da Sexualidade para o século XXI: concepções, proposições e ações escolares**. Xanxerê: Imprimax, 2002.

OLIVEIRA, E. et al . Análise de Conteúdo e Pesquisa na Área da Educação.

Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 4, n.9, p.11-27, maio/ago. 2004.

OMS. Organização Mundial de Saúde (2010). **Informe Mundial sobre saúde sexual.**

SAYÃO, Yara. **Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários.** In: AQUINO, Júlio G. (org.) *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas.* São Paulo: Summus,1997.

SILVA, Alessandra de Melo. **A gravidez na adolescência: família e serviço**

social. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS. Brasília, 2011.

SILVA, Cenira Ribeiro. Possibilidades e limitações da escola pública como agente de educação sexual.**Revista Brasileira de sexualidade Humana**, v.08, n.3 209-225, jul./dez. 2002.

SILVA, J. B. S. **Encontros e Desencontros na Trajetória Percorrida Pelos Adolescentes a Partir da Gravidez .**Tese de Mestrado em Saúde Pública.

Programa de Pós- Graduação em Saúde Pública, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.

SOUZA, Hália Paulina de. *Sexo, energia presente em casa e na escola.* São Paulo: Paulinas, 2002.

SUPLICY, M. **Conversando sobre sexo.** Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

TAKIUTI, Albertina. **A Adolescente está ligeiramente grávida, e agora? Gravidez na adolescência.** São Paulo: Coleção Sociedade precisa saber, 2002.

VALLADARES, K. K. **Sexualidade: Professor que cala... nem sempre consente.**Tese de Mestrado em Educação. Centro de Estudos Sociais, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2002.

ZAGURY, T. **O adolescente por ele mesmo.** 9ª ed., Rio de Janeiro: Record,1997.

APÊNDICE

Diagnóstico feito após a apresentação do slide com os Alunos da Escola João Almeida Silva sobre Educação Sexual (4ª Etapa EJA- Educação de Jovens e Adultos)

- A escola não tem projeto que trabalhe esse tema (Sexualidade).
- A escola não prepara os alunos.
- Elas engravidam por falta de conhecimento.
- Elas param de estudar por não ter com quem deixar os filhos
- Elas engravidam por falta de estrutura familiar
- Eu engravidei, mas por falta de responsabilidade, e depois as consequências vieram, criar filho sozinha é mudar totalmente de vida.
- É ruim, quando pega uma doença igual à mim, difícil de tratar por não querer falar pra minha mãe.
- Para mim, engravidar na adolescência é falta de responsabilidade e conhecimento, pois tenho 17 anos e sou virgem.

**ATIVIDADE TRABALHADA NA SALA DE AULA PARA AVALIAR O
CONHECIMENTO DOS ALUNOS, SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL**

- 1- **De quem é a responsabilidade de discutir a sexualidade na adolescência?
Por quê?**
- 2- **A escola deveria tratar da sexualidade na adolescência e suas implicações. (Incluindo a gravidez, DSTs') Porquê?**
.
- 3- **Para você, o que é prevenção quando se fala em sexualidade na adolescência?**
- 4- **Do seu ponto de vista, quais são as principais facilidades e dificuldades que a escola tem para lidar com a gravidez na adolescência?**
.
- 5- **O que acha de uma gravidez inesperada na vida de uma adolescente?**
() Normal
() Preocupante, pois interfere em seu futuro tanto profissional, quanto pessoal.
- 6- **Você tem conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis?**
() Sim
() Não
- 7- **Você tem liberdade para falar sobre sexualidade e métodos preventivos com seus pais?**
() Sim
() Não
- 8- **Você acha que a escola deve acompanhar os casos de evasão, especialmente os decorrentes de gravidez? Como?**

